Casos & . Causos

Por Nestor Leme

Era dia de Corpus Christi

***Procissão de Corpus Christi percorre as ruas de Serra Negra sobre tapetes artesanais, em uma das mais tradicionais expressões da fé católica na cidade** | Arquivo de Nestor Leme*

Amanhece o dia de Corpus Christi deste ano de 2025. Estamos às portas do inverno, a manhã está gelada, mas, mesmo assim, senhoras do grupo Crocheteiras Quadradinhos do Amor já estão na praça da Matriz de Nossa Senhora do Rosário, para ali montarem o tapete feito com as colchas de crochê produzidas pelo trabalho do grupo — por onde, à tarde, passará a tradicional procissão de Corpus Christi, com o padre carregando o ostensório do Santíssimo Sacramento.

Tomo meu café matinal e, de posse de minhas câmeras, vou filmar e fotografar o trabalho daquelas abnegadas, tanto para meu arquivo fotográfico quanto para postá-las em nossa página no Facebook.

Registro as fotos e, em seguida, rumo à Rua Monsenhor Manzzini, onde moças, rapazes e muitas crianças das Pastorais de Catequese já estão reunidos para cobrir aquela rua com o tapete decorativo — pois ela também faz parte do trajeto da procissão. Ali, observo que muitos turistas, entre os milhares que nos visitaram no feriado prolongado, registram aquele trabalho com as câmeras de seus celulares.

Fotografo o trabalho dos voluntários, volto para casa e faço as postagens na página Fotos Antigas e Novas de Serra Negra. Depois disso, aguardo até às dezesseis horas, horário do início da cerimônia religiosa de tão importante festa católica. Faço as filmagens, registro fotos da celebração, da procissão e também do encerramento do ofício religioso, com a bênção do Santíssimo Sacramento. São muitas as fotos, então deixo para fazer as postagens com mais calma na manhã seguinte.

Já cedo, ligo o computador, abro a página do Face e, na tela do monitor, aparece a postagem feita por meu amigo Arthur Petroli, músico da Banda Lira e também da Banda Santa Cecília da vizinha cidade de Monte Alegre do Sul, na qual ele nos mostra a procissão de Corpus Christi dos vizinhos, onde a banda local acompanha o Santíssimo tocando músicas alusivas ao acontecimento religioso.

A postagem do Arthur mexe com minhas lembranças e, em segundos, volto décadas no tempo e me vejo criança, com meus amigos batendo às portas dos vizinhos, pedindo flores e folhagens para espalharmos na rua de terra batida em frente às nossas casas — sabendo que aquilo que fazíamos acontecia em todas as ruas por onde passava a procissão de Corpus Christi.

Enquanto executávamos o tapete de nossa rua, nossas mães escolhiam suas colchas e toalhas mais bonitas, com as quais montavam altares nas janelas de todas as casas que faziam parte do trajeto da procissão.

Continuando minhas lembranças, já estou no meio do povo acompanhando a procissão. E como sempre fui apaixonado por músicas de banda, caminho ao lado dos músicos da Banda Lira, que todos os anos abrilhantavam a festa religiosa.

Volto dos meus pensamentos com uma inveja imensa dos vizinhos. Eles ainda conseguem levar sua banda de música para tornar o evento religioso ainda mais vibrante. Naquele momento, pensei: por que o mesmo não pode acontecer por aqui?

Lembrei-me da procissão de Corpus Christi deste ano, passando pela Rua Coronel, lotada de turistas — muitos deles desacostumados a verem tais acontecimentos — registrando centenas de fotos com seus celulares daquilo que viam.

Diante disso, fiz a mim mesmo a seguinte pergunta: por que aqui em Serra Negra não acontece o mesmo que acontece com os vizinhos? Por que a Banda Lira não pode voltar e abrilhantar nossas festas religiosas, tornando-as atrativos eventos turísticos religiosos, como acontece em muitas cidades da Europa?

Afinal, já ouvi alguém comentar: cultura não é só palco...

Crônicas do . Dia a Dia

Por Guida Gerosa

As férias

Ah, as férias... bastava a escola encerrar as aulas e, num piscar de olhos, minha mala já estava pronta. Era como se meu coração já soubesse o caminho da liberdade. Desde criança, minha vida seguia esse compasso: encerrava-se o ano letivo e começava a melhor parte do calendário. Três meses inteiros - dezembro, janeiro e fevereiro - só para viver. Se não havia uma grande viagem planejada, ainda assim se viajava.

Uma parte das férias era na fazenda, pois meu pai era fazendeiro, e a outra em Serra Negra, com minha avó. Em cada canto, um mundo diferente. Na fazenda, meu universo girava em torno do Alazão, meu cavalo companheiro de aventuras. Tentava de tudo: saltar, ensinar truques... inclusive fazê-lo vir ao meu chamado com um assovio. Confesso: nunca consegui. Mas era divertido tentar. Já em Serra Negra, era a vez da piscina, todo santo dia.

Bem novinha, podia andar sozinha pela cidade, como muitas crianças da época. Éramos livres. A vida era mais leve, mais nossa. Que época boa, já ia sozinha ao clube, brincava à noite no jardim da praça! Hoje, não vemos mais crianças andando sozinhas pela rua. Naquela época éramos livres e a vida parecia mais segura. Tinha amigas de todas as idades.

Às vezes ia ao "footing" na praça e me divertia vendo as paqueras das pessoas mais velhas. Naquela época, os homens rodavam de um lado e as mulheres do outro e iam se olhando e se conhecendo. Trocas de olhares, sorrisos envergonhados, os inícios tímidos de romances. Eu ainda não paquerava, pois ali eram todos mais velhos.

Já na fazenda, as noites eram regadas a jogatina. Os adultos se reuniam na sala em torno de partidas de King, Buraco, 21 ou 7,5. Enquanto isso, a cozinha fervilhava com a tômbola, que era uma espécie de bingo, e a marcação era feita com feijões ou grãos de milho - dependia do que se tinha mais em casa. Vinham todos da fazenda e tinha gente apoiando a ficha em cima do fogão a lenha, em cima da pia. Não precisava de prêmio, o que valia era completar a "cinquina" ou a cartela cheia. Era simples. Era mágico.

Hoje, as férias não duram tanto. Já não monto o Alazão, nem jogamos tômbola na cozinha da fazenda. Muitas das pessoas queridas se foram. A vida vai levando à todos pelo inevitável caminho. Ficaram as lembranças doces, vivas e cheias de amor. E, por sorte, as histórias continuam a acontecer por aí, deixando marcas em quem, como eu, teve - e tem - o privilégio de, mesmo nas coisas mais simples, vivê-las intensamente.

"Talvez seja por isso que tenho até hoje rodinha nos pés".

Cultura . e Vida

Por Henrique Vieira Filho

Teu Cristo no alto parece abraçar

Serra Negra tem seu Cristo. E não é força de expressão - é concreto, estrutura e fosforescência! Ali, fazendo aniversário, no alto do Pico do Fonseca, ele se ergue desde 6 de julho de 1952, quando foi inaugurado com missa campal, discurso de deputados e a fé de uma cidade que, com orgulho e uma taxa criativa de hospedagem, bancou sua própria versão do Redentor.

A ideia não veio de anjos nem de visões celestiais, mas do Serra Negra Moto Clube. Sim, o projeto mais devoto da cidade surgiu entre aceleradas e escapamentos. Foi o presidente do clube, Joaquim da Silva Lima, quem propôs. Com apoio do então prefeito e da caneta da Câmara Municipal, a imagem prevista para 5 metros, cresceu para 12. Com o pedestal, chegou a 17 metros, somando 92 peças de concreto armado e 80 toneladas de peso espiritual e cívico. À noite, banhado por refletores, brilha como milagre urbano graças à camada de massa fosforescente.

Naquela época, tudo custou CR$ 350.000,00 - uma fortuna então, hoje algo entre R$ 400 mil e R$ 1,9 milhão, dependendo se você corrige com base em salário mínimo ou no INCC da construção civil. O que não muda é a importância simbólica: o Cristo de Serra Negra foi, desde sempre, mais que pedra - foi gesto de fé coletiva, escultura de um querer popular.

Se hoje há uma "Cristolímpiada" competindo Brasil afora - Encantado (RS) com 43,5 metros, Rio de Janeiro com seus 38, Camboriú, Elói Mendes e Taubaté na cola - o nosso Cristo serrano segue ali, firme, sem competir, mas sempre acolhendo. Porque sua grandeza está na doçura, não na altura!

Este ano, no mês de seu aniversário, volto o olhar novamente para ele - e o vejo, não só na montanha, mas também na tela e na canção. Uma de minhas pinturas retrata esse Cristo, que também é capa do meu mais recente livro. E uma de minhas canções (recém lançada) o celebra:

"Teu Cristo no alto parece abraçar...
É doce, é singelo
e se faz encantar..."
"Nos braços teus quero sempre voltar."

Esse abraço simbólico do Redentor serrano, fixado entre o céu e o verde, permanece. Um gesto aberto à cidade, aos turistas, aos que chegam e aos que nunca partiram. Porque em Serra Negra, onde a luz do entardecer descansa o olhar e a fé tem cheiro de mato e som de canção, há um Cristo que brilha. E abraça. Sempre!

***Acesse o QR Code para ouvir as músicas** | Arte: Henrique Vieira Filho*